Alcar 2015
10º Encontro Nacional de História da Mídia
UFRGS
UFRGS | Porto Alegre | Rio Grande do Sul
03 a 05 de junho de 2015
ISSN 2175-6945

Jornalismo Impresso do século XIX: a representação da Revolução Farroupilha e a exaltação da cultura gaúcha em O Povo[1]

BISOL, V. Laísa[2]
PORTO, T. Luana[3]
LISBOA FILHO, F. Flavi[4]
Universidade Regional Integrada – URI - RS
Universidade Federal de Santa Maria - RS

RESUMO

Este artigo apresenta o modo como a Revolução Farroupilha foi representada no jornal **O Povo,** que circulou no Rio Grande do Sul no período daquele conflito. Além disso, analisa o modo como o jornalismo regional falava sobre a cultura gaúcha com relação as demais. Este estudo baseia-se nas preposições de Rüdiger, Sodré, Woodward, Castells, entre outros autores. O periódico em estudo difundia, para além das informações da guerra, especialmente ideologias, que reafirmam o modo como se constrói a identidade de um povo baseada em sua cultura.

Palavras-chave: Representação; Jornalismo Impresso; Cultura; O Povo; Revolução Farroupilha.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As guerras, em si, fazem parte da história e da cultura regional e, ao considerarmos especificamente a formação do território gaúcho, temos as revoluções como potenciais participantes deste processo, que rende rememorações e cultos à tradições oriundas, muitas vezes destas batalhas ou das ideologias formadas ou perpetuadas por elas.

Se na contemporaneidade a mídia informa sobre acontecimentos violentos e narra as situações de conflitos, no século XIX não era diferente. São, hoje, os noticiários impressos da época, documentos históricos que tornam possível o resgate de detalhes

[1] Trabalho apresentado no GT de História do Jornalismo, integrante do 10º Encontro Nacional de História da Mídia, ALCAR 2015.
[2] Mestre em Letras – Literatura Comparada pela URI – Câmpus de Frederico Westphalen. Graduada em Comunicação Social-Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria. Membro do GP Estudos Culturais e Audiovisualidades. (laisavb@yahoo.com.br).
[3] Doutora professora no Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado em Letras na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI câmpus Frederico Westphalen. (luana@uri.edu.br).
[4] Doutor em Ciências da Comunicação (linha: Mídias e processos audiovisuais) pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (RS). Professor Adjunto do Departamento de Ciências da Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. Pesquisador líder do GP Estudos Culturais e Audiovisualidades. (flavilisboa@gmail.com).

ISSN 2175-6945

sobre os acontecimentos. Eram, à época, os jornais, os principais meios de informação da população e, por isso, também grandes influentes no sentido de difundir ideias, pouco objetivas, tendo em vista, principalmente, a propriedade dos periódicos, quase sempre ao governo.

Ao propormos uma reflexão acerca do modo como acontece a representação da guerra no jornal **O Povo,** que circulou durante da Revolução Farroupilha em solo rio-grandense, podemos ressaltar a importância do debate em torno dos elementos expostos enquanto fatores presentes na história social e cultural do Estado e, para além do modo como se representa os horrores da guerra, também entender de que forma a ideia de cultura gaúcha é posto e como se perpetua.

Ao verificar o periódico analisado, o leitor encontrará um discurso marcado pela exaltação do território gaúcho e dos ideais de guerra, o orgulho de pertencimento e, ainda, a manifestação direta de uma linha partidária.

A IMPRENSA ESCRITA GAÚCHA DO SÉCULO XIX

A imprensa escrita chega ao Brasil em 1808, mas é somente em 1827 que toma forma no estado gaúcho, através do jornal **O Diário de Porto Alegre**. Esta origem está atrelada justamente à Revolução Farroupilha, já que neste período se articulavam ideias a respeito e o presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, Salvador José Maciel, era um dos patrocinadores do periódico lançado. Conforme Rüdiger (1993), os jornais tiveram grande influência nesta época. "Não se constitui exagero afirmar que a imprensa foi o bastidor intelectual da Revolução Farroupilha. Nas páginas dos jornais se gestaram as idéias que radicalizaram o processo político e levaram ao movimento", (RÜDIGER, 1993, p. 15).

O mesmo autor ainda relata que os periódicos tinham a predominante função de difundir ideologias, sendo a circunstância política, muito mais do que os conceitos de jornalismo, que ditavam o nascimento de jornais, bem como sua continuação e fechamento. Ademais, neste período os proprietários dos jornais não eram os políticos, mas outros profissionais que reuniam duas funções. E é neste contexto de produção jornalística em que nasceu a imprensa rio-grandense, já com vistas à divulgação dos

ISSN 2175-6945

acontecimentos pré-revolução dos farrapos. O princípio do Jornalismo impresso gaúcho, portanto, deu-se através de personagens que, segundo Rüdiger (1993) compreenderam as demandas políticas e difundi-las a partir dos periódicos, embora, por restringirem sua função muito mais à direção dos jornais, não tinham total preocupação com os conteúdos que transmitiam. Neste sentido e de acordo com o mesmo autor, os jornais tinham basicamente a função de veicular literatura política, sendo inexistentes os modelos de redações conhecidas na atualidade. As matérias eram produzidas externamente ao contexto do periódico e os responsáveis iam acrescentando, posteriormente, notas informativas, sendo os espaços restantes preenchidos com anúncios e transcrições literárias.

Se a política era fator de maior motivação para o surgimento e periodicidade dos jornais, as lutas políticas estimularam o crescimento da imprensa. Sodré (1999) comenta que a Revolução Farroupilha, iniciada em 1835, logo após o surgimento da imprensa, continuou a absorver as preocupações do governo e, já nesta época, os governantes passaram a comprar os jornais dos seus fundadores, a fim de veicularem as suas ideias de maneira mais direta. Ainda segundo este autor, o departamento mais importante da imprensa naquela época esteve ligado aos movimentos que surgiam e, em cada província, com a suas características, os jornais revelaram resistência ao conservadorismo, denunciando aspectos das lutas políticas, marcando sua influência através de pregações, ideias e mobilização de opiniões.

Nesse contexto, deflagra-se a Revolução Farroupilha e entre jornais que findaram-se e outros que surgiram, emerge, em meio à guerra, **O Povo,** periódico que analisamos no decorrer deste trabalho. Neste jornal, conforme Sodré (1999), as páginas apresentavam as escabrosidades da revolução, noticiando sobre o que ocorria do litoral à campanha, estendendo-se ainda de Porto Alegre a Piratini (município onde surgiu o Jornal) e desde ali até Caçapava, sendo instrumento de grande colaboração histórica, assim como outros jornais:

> Sem a leitura de *O Povo,* que circulou de 1838 a 1840, de *O mensageiro,* que circulou de 1835 a 1836, de *O Americano,* que circulou de 1842 a 1843 e uns poucos mais, a história farroupilha é incompleta. Nessas folhas, impressas quase sempre sob condições extremamente difíceis, o movimento ficou espelhado, em todos os seus traços, os gerais e os particulares. (SODRÉ, 1999, p. 131).

ISSN 2175-6945

O Povo deixou de circular quando os imperiais ocuparam Caçapava. Não somente este, mas outros periódicos fechavam em tempos de guerra pela dificuldade de manterem-se. Segundo Sodré (1999), a sucessão de lutas e situações de extrema violência motivaram o quase desaparecimento da imprensa, embora, no norte do país, esta situação tenha sido mais evidente do que no sul, em que alguns impressos continuaram a circular, porém com irregularidade.

REPRESENTAÇÕES DA GUERRA NO DISCURSO DE *O POVO*

O jornal **O Povo** circulou no Rio Grande do Sul de 1838 a 1840. Foram três anos de publicações baseadas, quase que exclusivamente, nos fatos da Revolução Farroupilha, ocorrida no Estado gaúcho de 1835 a 1845. Este periódico é, entre outros, um documento muito importante na representação deste período histórico. Selecionamos este jornal em detrimento dos demais, pela representatividade histórica e ainda por estar inserido em um espaço de tempo que perfaz o que seria a metade da guerra dos farrapos.

O documento pesquisado é uma coletânea de todas as edições de **O Povo**, reunidas inicialmente pelo Museu Julio de Castilhos – Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre. A encadernação, feita em 1930, é apresentada como sendo parte da grama de documentações interessantes para o estudo da Revolução Farroupilha e o exemplar pesquisado encontra-se no Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria – RS.

A apresentação é escrita em 30 de março de 1930 e, embora tenha sido relatada quase 100 anos após a publicação, através deste texto inicial podemos entender quais os objetivos contidos nas publicações. O enunciador comunica que o volume que contém os jornais **O Povo** divulga "preciosos papeis que possúe attinentes á historia do famoso decennio, 1835-1845, que comprehende o período de duração da chamada GUERRA DOS FARRAPOS" (O POVO, 1930, s/n)[5]. O texto de apresentação reforça ainda mais uma vez a certeza da contribuição deste periódico, referenciando-o como uma preciosa

[5] Os fragmentos dos jornais serão reproduzidos exatamente na forma como foram publicados, obedecendo à linguagem da época.

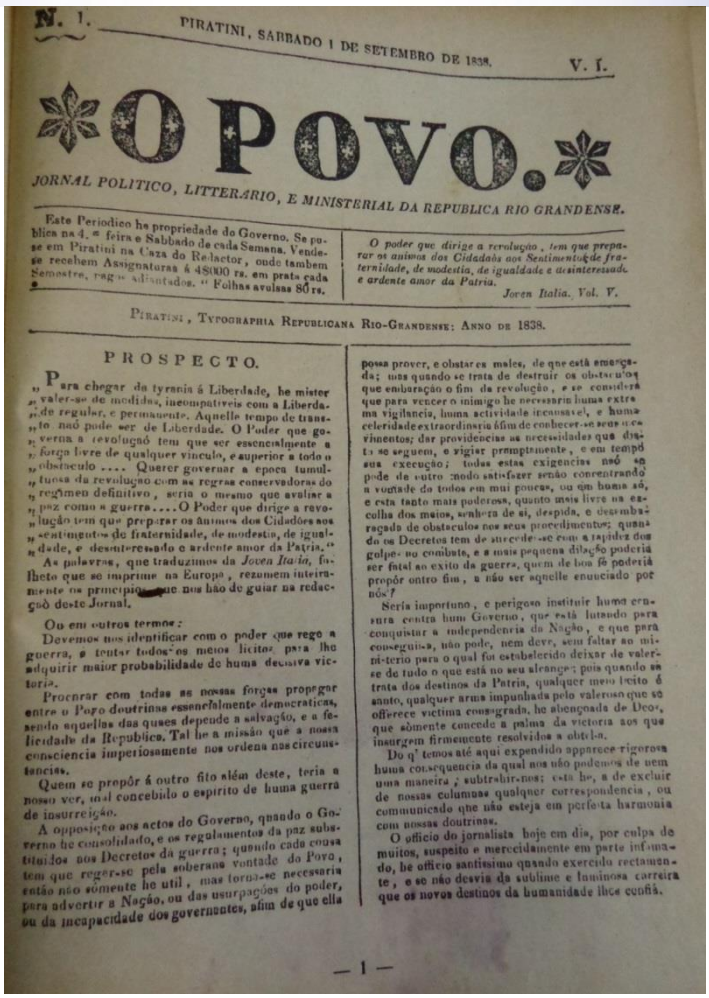
ISSN 2175-6945

documentação no estudo desta parte da história regional: "O POVO, JORNAL POLÍTICO, LITERARIO E MINISTERIAL DA REPUBLICA RIOGRANDENSE, enfeixou em suas columnas, em largo periodo de tempo, os mais valiosos subsídios do memoravel decennio" (O POVO, 1930, s/n). Além de tratar o período da Revolução Farroupilha como sendo dez memoráveis anos, o apresentador dos jornais caracteriza o redator do periódico: Luiz Rossetti, um italiano que, embora seja estrangeiro, assim com outros "se identificou com as cousas da nossa terra, luctando e morrendo em sangrento recontro" (O POVO, 1930, s/n). O narrador deste texto inicial já exalta a publicação e seu escritor enquanto parte de um contexto em que morrer lutando pela terra é sinal de orgulho e heroísmo. A apresentação segue com referência a Domingos José de Almeida, ministro que fazia parte da redação.

Ao todo foram 160 exemplares de **O Povo,** sendo 45 publicados quando a produção do jornal era em Piratini e os demais já no município de Caçapava, quando a sede do Governo se transferiu para aquele local. Analisaremos, neste trabalho, 14 edições do periódico, escolhidas aleatoriamente, mas, com o intuito de buscar os textos mais diferenciados entre si, a fim de poder comparar os discursos. O texto de apresentação dos periódicos também afirma que os estudiosos da revolução podem ter grande proveito do material em se tratando das "memorias commemorativas do magno acontecimento, cuja data centenária está a barter=nos ás portas". (O POVO, 1930, s/n) Às vésperas de completar os 100 anos do início da guerra, o narrador que informa sobre o periódico comenta a importância dos jornais enquanto guardiões da memória daquele tempo, contudo, refere-se a este período enquanto passível de comemorações.

O jornal é indiscutivelmente opinativo, e não se pretende diferente, já que em todas as edições, antes de iniciarem os textos, podemos ler, além da data, do nome e do Slogan: Jornal político, literário e ministerial da República Rio-grandense – o que já o emoldura em uma linha discursiva –, também a informação: "Este Periodico he propriedade do Governo". Também ao início de cada edição vemos o aviso de que as publicações serão às quartas-feiras e aos sábados e que o periódico pode ser adquirido na casa do redator ou através de assinaturas, como pode ser verificado na Figura 1.

ISSN 2175-6945



N. 1. PIRATINI, SABBADO 1 DE SETEMBRO DE 1838. V. I.

O POVO.

JORNAL POLITICO, LITTERARIO, E MINISTERIAL DA REPUBLICA RIO GRANDENSE.

Este Periodico he propriedade do Governo. Se publica na 4.ª feira e Sabbado de cada Semana. Vende-se em Piratini na Caza do Redactor, onde tambem se recebem Assignaturas á 4$000 rs. em prata cada Semestre, pagos adiantados. " Folhas avulsas 80 rs.

O poder que dirige a revolução, tem que preparar os animos dos Cidadaós aos Sentimentos de fraternidade, de modestia, de igualdade e desinteressado e ardente amor da Patria.
Joven Italia. Vol. V.

PIRATINI, TYPOGRAPHIA REPUBLICANA RIO-GRANDENSE: ANNO DE 1838.

PROSPECTO.

„ Para chegar da tyrania á Liberdade, he mister „ valer-se de medidas, incompativeis com a Liberda- „ de regular, e permanente. Aquelle tempo de trans- „ to naó pode ser de Liberdade. O Poder que go- „ verna a revoluçaó tem que ser essencialmente a „ força livre de qualquer vinculo, e superior a todo o „ obstaculo .... Querer governar a epoca tumul- „ tuosa da revolução com as regras conservadoras do „ regimen definitivo, seria o mesmo que avaliar a „ paz como a guerra.... O Poder que dirige a revo- „ lução tem que preparar os animos dos Cidadóes aos „ sentimentos de fraternidade, de modestia, de igual- „ dade, e desinteressado e ardente amor da Patria. "

As palavras, que traduzimos da *Joven Italia*, folheto que se imprime na Europa, rezumem inteiramente os principios que nos hão de guiar na redacçaò deste Jornal.

Ou em outros termos:

Devemos nos identificar com o poder que rege a guerra, e tentar todos os meios licitos para lhe adquirir maior probabilidade de huma decisiva victoria.

Procurar com todas as nossas forças propagar entre o Povo doutrinas essencialmente democraticas, sendo aquellas das quaes depende a salvação, e a felicidade da Republica. Tal he a missão que a nossa consciencia imperiosamente nos ordena nas circunstancias.

Quem se propôr á outro fito além deste, teria a nosso ver, mal concebido o espirito de huma guerra de insurreição.

A opposição aos actos do Governo, quando o Governo he consolidado, e os regulamentos da paz substituidos aos Decretos da guerra; quando cada cousa tem que reger-se pela soberana vontade do Povo, então não sómente he util, mas torna-se necessaria para advertir a Nação, ou das usurpações do poder, ou da incapacidade dos governantes, afim de que ella possa prover, e obstar os males, de que está ameaçada; mas quando se trata de destruir os obstaculos que embaraçaõ o fim da revolução, e se considera que para vencer o inimigo he necessaria huma extrema vigilancia, huma actividade incansavel, e huma celeridade extraordinaria afim de conhecer-se seus movimentos; dar providencias as necessidades que dizem se seguem, e vigiar promptamente, e em tempo sua execução; todas estas exigencias naó se pode de outro modo satisfazer senão concentrando a vontade de todos em mui poucos, ou em huma só, e esta tanto mais poderosa, quanto mais livre na escolha dos meios, senhora de si, despida, e desembaraçada de obstaculos nos seus procedimentos; quando os Decretos tem de succeder-se com a rapidez dos golpes no combate, e a mais pequena dilação poderia ser fatal ao exito da guerra, quem de boa fé poderia propôr outro fim, a não ser aquelle enunciado por nós?

Seria importuno, e perigoso instituir huma censura contra hum Governo, que está lutando para conquistar a independencia da Nação, e que para conseguil-a, não pode, nem deve, sem faltar ao ministerio para o qual foi estabelecido deixar de valer-se de tudo o que está no seu alcance; pois quando se trata dos destinos da Patria, qualquer meio licito é santo, qualquer arma impunhada pelo valeroso que se offerece victima consagrada, he abençoada de Deos, que sòmente concede a palma da victoria aos que insurgem firmemente resolvidos a obtel-a.

Do q' temos até aqui expendido apparece rigorosa huma consequencia da qual nos não podemos de nem uma maneira; subtrahir-nos; esta he, a de excluir de nossas columnas qualquer correspondencia, ou communicado que não esteja em perfeita harmonia com nossas doutrinas.

O officio do jornalista hoje em dia, por culpa de muitos, suspeito e merecidamente em parte infamado, he officio santissimo quando exercido rectamente, e se não desvia da sublime e luminosa carreira que os novos destinos da humanidade lhes confiá.

— 1 —

Figura 1 – Primeira edição do jornal **O POVO**
Fonte: **O Povo**, 1838. Crédito: Laísa Veroneze Bisol

O discurso de **O Povo** é construído, principalmente, através de seções que se intitulam manifestos, com opiniões do governo ou outros articulistas convidados, comunicados, notícias, também opinativas, moral, com textos que vangloriam feitos gaúchos, além de portarias, poesias, sonetos, pensamentos, correspondências, atas, ofícios, e informes como, por exemplo, as listas atualizadas dos oficiais do exército. Em todas as publicações deste periódico há um espaço destinado à frase: "O poder que dirige a revolução, tem que preparar os animos dos Cidadaós aos Sentimentos de fraternidade, de modéstia, de igualdade e desinteressado e ardente amor da Patria. Joven Italia. Vol. V."

Considerando que se trata de um jornal do governo, este que é o poder que está à frente da Revolução Farroupilha, entendemos que a proposta do periódico é,

ISSN 2175-6945

através de seus textos, estimular a comunidade aos sentimentos citados pela frase de abertura do bissemanário.

O texto de abertura do jornal, em 1º de setembro de 1838, sob o título de "Prospecto", já apresenta a guerra como aspecto positivo, se ela ocorrer com o intuito de fortalecer o território rio-grandense.

> Quando se trata dos destinos da Patria, qualquer meio licito é santo, qualquer arma impunhada pelo valeroso que se offerece victima consagrada, he abençoada de Deos, que sòmente concede a palma da Victoria aos que insurgem firmemente resolvidos a obtel-a. (O POVO, 1838, ed 1, p. 1).

Neste trecho de **O Povo** percebemos o ideal de guerra como justificável. Embora haja mortes e outras atrocidades em decorrência das batalhas, há, para os enunciadores deste discurso, um objetivo maior para que tudo aconteça, e que está vinculado à cultura daquele povo muito voltada ao amor pelo território. O grupo identifica-se entre si em função deste apreço pelo local e justifica as atitudes em nome desta mesma ideologia. Kathryn Woodward (1999, p. 41) declara que cada cultura possui classificações de mundo e, a partir disso, são atribuídos sentidos e construídos significados diante das situações, fatores que percebemos nesta narrativa de abertura do jornal e que poderemos voltar a constatar em outros trechos que representam esta mesma ideia.

Ainda nesta edição, temos a primeira matéria noticiosa do jornal, intitulada "Necrologia". Este texto narra a morte de Francisco Xavier Ferreira, que foi preso e estava muito doente na prisão, vindo a falecer pouco tempo após ter sido transferido a hospitais. Confirmando o conceito de um jornal com tom literário, a matéria inicia com palavras carregadas de expressividade:

> Hum outro nós foi arrebatado! – O riso maligno do tyrano, sua perfida alegria nos diz assaz qual he a perda que temos tido – qual era o temor que a ilustre victima, se bem que sepultada em hórrido cárcere lhe inspirava. [...] O septuagenario metido n'hum Leito, sofrendo a dór de sua enfermidade mortal, ameaçaria o Governo? – Ou seria que este Governo quizesse com isto apartar de si a axprobaçaó do homem justo, que tanto peza ao malvado? – [...] Dous Meirinhos e quatro Permanentes para acompanhar hum velho de setenta annos em agonia? .. E Deus não vos envolverá na sua colera? E o Povo que vossa barbaria deshonra deixará ainda para hum sò momento nas vossas maós seu poder? Ah! naó. Pode tardar; mas o dia virá em q'elle se desperte. Conseguistes adormecer esse Povo; com tudo naó esperai que vossos crimes fiquem sempre impunes. [...] E vos Rio-Grandenses aproveitai as lições que com estes factos vos daó vossos tiranos! Naó desperdiçai no silencio inuteis

ISSN 2175-6945

> gemidos: naó expargi istereis lagrimas sobre as pedras que encobrem as cinzas de vossos mártires! Affiai vossas armas! vingai os ultrages; e escutai o grito que do fundo de seu tumulo elles vos mandão. (O POVO, 1838, ed 1, p. 2 – 4).

O redator indigna-se com o governo brasileiro por desconfiar que um homem idoso e enfermo pudesse causar ainda algum tipo de atrito, mantendo-o sob observação de soldados, e tardando a proporcionar atendimento médico. Entretanto, a matéria isenta-se de que o Estado Rio-grandense também faz parte da guerra podendo ter cometido atitudes iguais ou muito semelhantes à descrita na matéria, especialmente se considerarmos que a alegria do tirano, exposta pelo enunciador, também é expressa quando um republicano vence uma batalha, tendo que, para isso, até mesmo matar uma outra pessoa. Mas o redator não questiona apenas o poder, discute até mesmo a ação de Deus sobre tal situação, rogando que um dia aconteça algo semelhante com aqueles que tomaram esta atitude, contradizendo os ideais pacíficos, que mencionara. Este discurso demonstra, ainda, a questão que abordamos, anteriormente, acerca da notícia não apenas enquanto informativa, mas com vistas a instruir a população. O texto encerra indicando que os gaúchos tirem uma lição do ocorrido. Se a repulsa foi tão grande contra os atos cometidos ao idoso que viera a falecer, o conselho deveria, então, vir munido de pregações de paz. Mas não é o que ocorre, o redator orienta que, ao invés de chorar pelos que já morreram, sem resultado algum, a população deve afiar as armas e vingá-los, completando, assim, o ciclo violento da guerra.

Woodward (1999, p. 9), ao tratar do modo como a cultura se estabelece entre os povos, apresenta que a "diferença é sustentada pela exclusão", ou seja, um povo é exatamente o oposto do outro. No caso que lemos anteriormente, vimos evidenciada esta questão, as atrocidades são atribuídas ao outro, que é posto como inferior por não pertencer ao mesmo grupo que, neste caso, trata-se daquele que representa os rio-grandenses.

Na segunda edição de **O Povo**, publicada na quarta-feira, 05 de setembro de 1838, o periódico apresenta como primeiro texto o título "Manifesto - do Presidente da República Rio-Grandense em Nome de seus Constituintes", artigo que seguirá em continuidade por mais duas edições – no sábado, 08, e na quarta-feira, 12. Neste primeiro, vemos a ideia de tornar o Rio Grande do Sul independente do restante do país:

ISSN 2175-6945

"Desligado o Povo Rio-Grandense da Communháo Brasileira reassume todos os direitos da primitiva liberdade; usa destes direitos imprescriptiveis, constituindo-se Republica Independente [...]" (O POVO, 1838, ed. 2, p. 1). O ideal de liberdade está presente neste trecho do discurso, mas, em praticamente todas as edições do jornal, endossa o objetivo do governo gaúcho e a justificativa da guerra. São utilizadas, ainda, expressões positivas para caracterizar o estado sulino, como "bom senso", "amor da ordem", "moderação que causa inveja e admiração ao Brasil". Estes fatores podem ser atribuídos a constante preocupação em exaltar o território, reforçando a imagem rio-grandense enquanto causadora de orgulho para os habitantes deste local que devem, segundo esta perspectiva, seguir lutando pela terra. Se o orgulho perfaz esta ligação de Estado superior, que pode ser melhor separado do restante do país, que possui heróis dispostos a lutar por esta terra, então, mais uma vez a ideia de modéstia se desconstitui.

Na publicação de 5 de dezembro do mesmo ano, há uma seção "Exterior: O Nacional Monte Video, Novembro 11 de 1838. Introduçaó", em que é reproduzido um artigo intitulado "Paz domestica", sendo os autores, através deste escrito, caracterizados por possuírem os "mais puros, e ardentes dezejos". Um dos trechos apresenta o seguinte:

> Acabamos de medir nossas forças: nosso braço por ventura pôde supplantar hum tirano; e o povo tornou invenciel no campo da batalha – Porem elle naó pelejou pelo prazer de pelejar: elle naó possue este prazer só próprio dos Caribes: elle naó derrama o sangue de seus filhos sem huma dor intensa: elle não se sacrifica sem hum fito nobre, e elevado. Peleja e sacrifica-se por sua Liberdade, por sua Soberania, por sua dignidade, e por sua gloria [...]. (O POVO, 1838, ed. 28, p. 1).

Trata-se, neste contexto, da reprodução de um discurso que vangloria a República Rio-grandense, e o faz justamente através da citação de feitos considerados heroicos, mais uma vez, através de lutas. A liberdade é novamente exaltada como motivo para guerrear e, mais do que isso, o fragmento apresentado enfatiza a ideia do orgulho, não somente de pertencimento ao solo gaúcho, mas, mais do que isso, a glória pessoal em derramar sangue e sacrificar-se por um ideal. Stuart Hall (1997, p. 26) afirma que "nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente". Desta maneira, concluímos que este sentimento descrito provém de uma identidade formada a partir de um conjunto de fatores que perpassam, sobretudo, pelo contexto cultural ao

ISSN 2175-6945

qual pertencem aqueles que fazem parte destas experiências.

Em 06 de março de 1839, **O Povo** começa a circular a partir de Caçapava, e abaixo do slogan que o identifica traz ainda as palavras: Liberdade, Igualdade e Humanidade. A questão das mortes para o cumprimento de objetivos é novamente abordada em 9 de março de 1939 sob o título "O Povo":

> A guerra de extermínio principiou. O sangue correo. [...] Graças lhe sejaó dadas! Vasco Amaro, Joaó Antunes Pinto, Antonio Balhego, o estrangeiro José Zerboni, e mais outros cujos cadaveres por mutilados naó poderaó ser reconhecidos, e que por conseguinte julgamos ser símplices passageiros, cahiraó primeiras victimas do farioso delirio que renunciou a toda honra, que abdicou toda a ideia de moral. "Custe o que custar, diz o Luzo Governo imperial, lancemos na infamia a Naçaó Brasileira, evoquemos sobre Ella as maldições da Humanidade, cubramos nós mesmos de delicto, naó importa, com tanto que esse Povo rebelde , esses republicanos ouzados, ao menos pelo terror volvaó cutravez a resignar se debaixo de nossa bandeira oppressora." (O POVO, 1839, ed. 47, p. 3).

Não somente cumprir com a missão a que foram confiados, os soldados que morrem na guerra são nomeados pelo discurso jornalístico deste jornal como verdadeiros heróis. O texto trata de pessoas que de tão cruelmente acometidas pela violência das batalhas, não são passíveis ao menos de reconhecimento, uma vez que os corpos são mutilados. Entretanto, não se fala da tristeza destas perdas, tampouco se faz referência a estas situações enquanto originárias da guerra que se sucede, isso já é posto, no discurso, como elementos intrínsecos do contexto. O que se enfatiza é a questão da honra com que lutaram. Além disso, o mesmo periódico que defende a questão da humanização, em vez de posicionar-se, em maior medida, ao término dos conflitos, deseja que o mesmo que aconteceu com os seus representantes se confirme também com os inimigos e este desejo é explícito pelo texto do jornal, quando no discurso é manifesto o desejo de que o terror se abata sobre os oponentes.

Notamos que, ao longo das publicações, poucas são as vezes que se emitem conceitos negativos a pessoas que pertencem ao Estado do Rio Grande do Sul, e quando ocorre, é mais brevemente e, no mesmo texto, justificando que são exceções, que sua maioria preza pela terra. Esta exaltação ao povo gaúcho é tão intensa que outros articulistas, de fora do país, parecem incluírem-se neste espírito. Um exemplo disso aparece na edição de 24 de agosto de 1839, em que **O Povo** veicula um texto na seção "Exterior", vindo de Montevideo. No discurso, o redator exalta os gaúchos pela forma

ISSN 2175-6945

como lutam na guerra:

> Recordando os fatos da Republica Rio-Grandense, durante os quatro annos de luta, naó se pode deixar de admirar a constante moderaçaó e generosidade, com que os Republicanos se portaráo sempre com seus inimigos vencidos. [...] Valerozos nas batalhas, generosos e humanos no enthuziasmo da victoria, como aquelles que peleijáo, não contra homens seus semelhantes, se naó contra os instrumentos da tyrania huma vez que estes já naó existem, naó vem nos vencidos mais qoe a seus irmãos, a quem perdoando huma culpa da qual outros são responsaveis, os devolvendo ao seio de suas famílias; naó exigindo delles se náo sua palavra de honra de naó tornarem a impunhar as armas contra a Republica durante a presente guerra com o imperio. (O POVO, 1839, ed. 95, p. 2).

Ao percebermos apenas o conteúdo desta reprodução enquanto informação, poderíamos, talvez, encontrar algumas respostas no que diz respeito à valoração do povo gaúcho, já que são apresentados como bons, como humanos, soldados que acreditam na palavra dos inimigos antes de impor-lhes as armas e que se utilizam de meios mais amenos nas batalhas. Todavia, é preciso considerar o discurso enquanto reafirmação de uma ideia a ser transmitida, primeiro, porque é preciso que através do que é dito se forme ou se consolide determinada ideologia, embora não se saiba como, de fato, agiam aqueles que lutavam. Ainda diante disso, é possível questionarmos de que maneira, em um conflito de guerra, um soldado possa matar o seu oponente de uma maneira menos agressiva e, após isso, com sensibilidade, moderação e generosidade, comemorar vitórias, comemorar que o lado oposto conta com mais mortos do que o grupo vencedor.

Predominantemente, o que se publicava em **O Povo,** neste período, eram artigos tendenciosos, sempre com viés político e revolucionário. Contudo, na década de 40 começam surgir outras matérias, como artigos econômicos e dicas sobre agricultura informando, por exemplo, como preparar o trigo antes de semear. Neste período surge também a coluna "Variedades" seção sempre bastante sucinta, com assuntos diversos, muitas vezes sobre religiosidade. Há ainda, espaço para rir, como uma espécie de piada, intitulada "Anedocta interessante" que conta a história de uma jovem republicana que para se divertir com as amigas que a visitavam abriu um livro e começou a ler alguns trechos, ouvidos também por uma idosa, que era hóspede na residência. Por não ter compreendido em pleno sentido o que a jovem lia, a senhora interrompeu-a:

ISSN 2175-6945

> A tal Ignez "falla de mais ! Por isso, he que botaráo a D. Pedro para fora do Brasil, e agora fizeráo esta revoluçáo para fazerem o mesmo ao filho, só para lhe tirarem a coroa." As outras Senhoras quando tal ouvirão desataraó arrir como perdidas, e a boa da velha, fieou muito paga de si suppondo ter dito huma admiravel sentensa. (O POVO, 1840, ed. 576, p. 4).

O modo como o jornal direciona o discurso apresenta a figura feminina como despolitizada, aquela que não entende muito bem sobre o que acontece na guerra, mas, ainda assim, está inserida no contexto. Ainda que a anedota desvie a narrativa tensa dos textos sobre as revoluções ela continua tratando sobre o mesmo tema. O jornal apresenta, desta forma, uma realidade daquele contexto, é como se todos os habitantes estivessem, a cada instante, pensando na revolução, sendo o assunto que pauta todas as conversas e interações. Mas esses textos diferenciados, em termos de gênero, não modificaram o foco do periódico, que seguiu publicando os boletins em predominância.

Além das constatações já citadas, acerca do modo como se idolatra a terra, já que o policial refere-se a esta como sagrada, e dos soldados gaúchos, já que os caracteriza como valentes, destinando glória a eles, neste fragmento do artigo ainda fica mais uma vez evidente a situação de guerra enquanto primordial para a existência da paz, que deve ser merecida, após os eventos conflituosos. Além disso, o chefe da polícia dá "viva" à nação, da mesma forma como ocorreu em outras manifestações ao longo do jornal, como forma de veneração ao Estado, mas também, de estímulo para a comunidade sulina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma vez analisados alguns dos textos publicados no jornal **O Povo**, podemos ainda constatar que o periódico estava em conformidade com o estilo de publicações da época, uma vez que, segundo Barbosa (2010), naquele tempo o jornalismo era unicamente de opinião, como ocorre neste impresso que verificamos, já que o discurso é parcial e eleva, em todas as edições, a questão do orgulho pelo Estado gaúcho e, ainda, o apoio ao governo rio-grandense. Mais do que isso, o impresso em questão visa a instruir a população, já que as matérias são escritas quase sempre munidas de reflexões e, inclusive, orientações aos leitores, confirmando o que é descrito na primeira edição do próprio jornal, que o redator deveria assumir um papel de educador e até mesmo, de

ISSN 2175-6945

sacerdócio. Entretanto, podemos verificar, ainda, qual o pensamento que se promovia, ou buscava promover, a partir destas verdades transmitidas por este veículo de comunicação

Se os jornais surgiam para difundir ideologias, acontecimentos políticos e informações de guerra, **O Povo** cumpriu este papel, utilizando-se muito mais da política do que dos conceitos jornalísticos para veicular as informações, conforme nos apresenta Rüdiger (1993). De leitura não muito facilitada, pelas falhas na impressão e pelo modo como as palavras eram escritas naquele período, o jornal assumia características literárias em sua linguagem, bem como explicou Sodré (1999), mas, mais do que isso, foi pautado, quase que exclusivamente pelos acontecimentos da Revolução Farroupilha, confirmando sua importância no entendimento circunstancial daquele período.

Todavia, precisamos separar o que era informação e o que se tratava de ideologias. A Revolução Farroupilha, por muitas vezes foi descrita de modo que podemos compreender os horrores promovidos a partir dos combates, sem que necessariamente o discurso aponte para os fatos enquanto sendo barbáries. Ademais, há uma via única na transmissão destes fatos: o Estado rio-grandense como superior, os gaúchos como figuras que se orgulham do seu estado e homens valentes, heróis, que defendem esta terra acima de tudo.

Ao tratar sobre os nacionalismos, ou seja, esta perspectiva de pertencimento, Castells (1999) afirma que em determinadas situações esta ideia é perpetuada de tal modo, por meio de propagandas políticas, que os sujeitos se propõem a morrer pela sua terra. E é exatamente o que podemos observar através da representação perpassada pelo periódico, já que muito mais do que um veículo jornalístico, os textos aparecem carregados de ideologias políticas, a fim de construir e difundir uma ideia de cultura e tradição que deve não apenas ser aceita por todos, mas especialmente defendida, através da luta.

O discurso abordado por **O Povo** eleva as revoluções como sagradas, os combatentes como heróis, o Estado do Rio Grande do Sul como glorioso e superior aos demais e, o seu partido, como supremo. Há exaltações a tudo o que se refere aos interesses do governo que sustem cada um dos exemplares. Quando um fato negativo aparece, em seguida é amenizado, com justificativas que vêm para suprir os porquês das

ISSN 2175-6945

falhas. Cviic (2003, p. 18) explica que, em uma guerra, "o sucesso de um lado é o fracasso do outro" e, em nenhuma hipótese, os jornais se permitem publicar algo que possa se aproximar de uma derrota, maximizando as vitórias e diminuindo ou inclusive omitindo insucessos do seu lado. Com ataques constantes aos oponentes, sem medir as palavras destas enunciações, ambos os impressos, de acordo com a linguagem de cada época, pretendem orientar e estimular o povo que pensem da mesma maneira e, portanto, esta é a memória social que pretendem suscitar.

Se a guerra pautou o jornal por se tratar do principal acontecimento da época, é correto, inclusive de acordo com os critérios de noticiabilidade, que estas matérias fossem difundidas amplamente. Entretanto, segundo Sodré (1992), cabe refletir sobre o modo como estas representações foram feitas. Se os jornais eram de propriedade do governo, obviamente as informações veiculadas eram voltadas aos interesses do mesmo, porém, ao discutirmos a importância do jornalismo enquanto importante canal de formação de opiniões, entendemos que os textos poderiam ter sido escritos de uma forma menos enfática, permitindo aos leitores criar uma percepção diferente daquela abordada, caso o pensamento fosse contrário.

Percebemos, ao longo desta análise, a linha tênue entre o sensacionalismo e a omissão. Fatos são exaltados enquanto outros sequer aparecem. As dores causadas pela violência das guerras são vistas e traduzidas sempre de uma mesma forma: são meios de formar heróis e de conquistar vitórias. Chantal Rayes (2003), que também esteve na cobertura da guerra do Iraque, afirma que a mídia, muitas vezes, segue a lógica mercantil, e é o que de fato podemos verificar atualmente, mas, no século XIX, observamos que a lógica dos veículos de comunicação baseava-se no partido e nas vaidades.

Conforme Woodward (1999, p. 18) "a cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade". Compreendemos, portanto, que a representação dada através dos textos do periódico demonstram, sobretudo, esta identidade instituída a partir de uma cultura, formada e consolidada através do compartilhamento de signos comuns, e que geram um senso de pertencimento tão forte a ponto de se promover uma guerra.

ISSN 2175-6945

REFERÊNCIAS

ANEDOCTA interessante. **O Povo.** Caçapava, p. 4, ed. 576, 1840.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**: Brasil, 1800 – 1900. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

CASTELLS, Manuel. O Poder da Identidade. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura**: notas sobre as revoluções culturais no nosso tempo. Educação & Realidade, Rio Grande do Sul, v. 22, n. 2. p. 15-46, jul./dez. 1997.

EXTERIOR. **O Povo.** Caçapava, p. 2, 24 agosto 1839.

LIBERDADE, Igualdade e Humanidade. **O Povo.** Caçapava, p. 2, 06 março 1839.

MANIFESTO - do Presidente da República Rio-Grandense em Nome de seus Constituintes. **O Povo.** Piratini, p. 1 - 2, 05 setembro 1838.

NECROLOGIA. **O Povo.** Piratini, p. 2, 1º setembro 1838.

O POVO. Jornal Político, literario e ministerial da Republica Rio Grandense. In: Documentos Interessantes para o estudo da grande revolução de 1835-1845. Publicação do Terceiro Departamento (História Nacional). Porto Alegre, 1930.

O POVO. **O Povo.** Caçapava, p. 3, 09 março 1839.

PAZ DOMESTICA: Exterior: O Nacional Monte Video, Novembro 11 de 1838. Introduçaó. **O Povo.** Piratini, p. 1, 05 dezembro 1838.

PROSPECTO. **O Povo.** Piratini, p. 1, 1º setembro 1838.

PORTARIA. **O Povo.** Piratini, p. 6, 22 setembro 1838.

RAYES. Chantal. A outra face da guerra. In OGIER, Thierry; GOYZUETA, Verónica (org.). **Guerra e imprensa**: Um olhar crítico da cobertura da guerra do Iraque. São Paulo: Summus, 2003. p. 23-30.

RÜDIGER, Francisco. **Tendências do jornalismo**. Porto Alegre: Universidade UFRGS, 1993.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4 ed. (atualizada). Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SODRÉ, Muniz. **O social irradiado**: violência urbana, neogrotesco e mídia. São Paulo, Cortez, 1992.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais.** 1º 15d. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. p.7-72.